



## Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.df@dabr.com.br

(cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)

## Celebração do forró

No ano passado, comprei um carro, e uma das exigências era que ele tivesse aparelho para tocar CD. Reconheço as inovações da tecnologia, mas gosto da materialidade do CD e do livro físico. Eu acho muito bom ouvir música no carro que, em Brasília, sempre tem o seu momento de espacividade, segundo o poeta Francisco Alvim. Há algumas semanas, fiquei com vontade de escutar uma antologia de Elba Ramalho. Fui a uma rara discoteca, mas não encontrei. Então, levei um mais recente. Logo de cara, gostei muito da faixa

que abre o disco, *Olhando o coração*, que empurra a gente com o som da sanfona.

Era um forró clássico, mas com uma poesia mais requintada, que me chamou a atenção: “O meu andar pelo mundo / É um andar bem profundo / Vai onde tem um forró / Uma alegria uma dança / Meu coração não se cansa / De uma festa encontrar”.

Elba Ramalho, a um só tempo, moderniza e imprime uma marca ancestral nordestina em suas interpretações. Mas eis que, ao folhear o encarte, me deparei com a surpresa: o autor da linda canção é brasileiro, é Clémério Ferreira. O interessante na letra de Clémério é que o forró é apresentado quase como uma utopia de felicidade e como um destino brasileiro ou nordestino. Sem premeditar, Clémério fez uma canção para celebrar o

reconhecimento do forró como patrimônio cultural brasileiro pelo Iphan.

Ele é um poeta que tira de letra. E, na voz de Elba, suas palavras ganham sopro, relevo e dramaticidade: “Mas por enquanto nem tento / Apreciar as estrelas / Olhar pro céu é vê-las / Piscarem luzes no chão / Eu cá por mim me contento / E sem querer ofendê-las / Em vez de olhar estrelas / Olho pro meu coração”.

Os irmãos piauienses Clodo, Clémério e Clésio sempre me pareceram índios yanomamis. Clésio já nos deixou, mas legou, também, lindas canções. Eles não são de briga; são de festa. Não é por acaso que, quando se encontram com Nara Leão, tornaram-se grandes amigos. A ponto de Nara ter composto a única canção em homenagem aos amigos piauienses.

Climério chegou a Brasília em 1962, aos 18 anos, para morar na Cidade Livre, futuro Núcleo Bandeirante, na 4ª Avenida, uma espécie de cidade cenográfica de filmes de faroeste, erguida a toque de caixa para abrigar o comércio, os hotéis e outros serviços. Ele veio com uma carga muito forte de cultura nordestina. Em Teresina, assistiu a autos populares, festas de são-joão, forrós, shows de Jackson do Pandeiro e Luiz Gonzaga.

Levou um susto ao ver Gonzagão metido numa roupa encourada de cangaceiro misturada com vaqueiro, em um show promovido pelo Colírio Moura Brasil. Ficou maravilhado com a indumentária, a sanfona, a performance teatral e o sotaque. Pela idade e pela vivência, tinha tudo para ser roqueiro: acompanhava o movimento, ouvia os discos, mas o rock não pegou em sua pele como ocorreu com a

maioria das pessoas de sua geração.

A sanfona lhe diz muita coisa; o rock, não. Ele não se jacta de nada. Considera até um defeito não ter sido contaminado pela energia do rock. Em Brasília, reencontrou um pedaço desgarrado do nordeste e um espaço para ser piauiense/brasiliense. Tornou-se professor da Universidade de Brasília, fez doutorado no Canadá, mas não perde o despojamento de índio piauiense.

*Olhando o coração* é uma das 60 músicas que os irmãos piauienses compuseram com Dominguiños, a quem conheceram em Brasília, em 1979. É um hino ao forró e aos poderes de imantação da música: “O meu andar pela vida / É sem controle errante / É como um sonho de amante / Que acredita no amor / E nessa trilha perdida / No rumo desconhecido / O meu andar atrevido/cura a ferida e a dor”.

## » Entrevista | MATEUS DE OLIVEIRA | SECRETÁRIO DE DESENVOLVIMENTO URBANO E HABITAÇÃO

# Recorde de alvarás de construção

Além da meta ultrapassada, chefe da pasta destacou revitalizações promovidas em 2021

» EDIS HENRIQUE PERES

No campo da urbanização, o Distrito Federal enfrenta o desafio de atender à crescente demanda por moradias. Para o secretário de Desenvolvimento Urbano e Habitação, Mateus de Oliveira, a situação decorre de um crescimento anual “em números acima da média nacional”. “E essas pessoas precisam (ter onde) morar”, afirmou. O chefe da pasta destacou, porém, ações que contribuíram para o avanço desse setor, como a emissão de alvarás de construção e ações de revitalização em todo o DF. Confira os principais trechos da entrevista concedida por Mateus à jornalista Samantha Sallum, ontem, no programa CB.Poder — parceria do Correio com a TV Brasília.

**Este ano foi de muito trabalho na área de habitação. Qual balanço o senhor faz dos projetos que viveram realidade ou estão muito bem encaminhados?**

Foi um ano muito desafiador, porque 2021 começou com a pandemia, com uma segunda onda, e

os desafios na parte de desenvolvimento urbano são grandes. Eu destacaria duas frentes de trabalho principais: a aprovação de projetos de leis urbanísticas de iniciativa do Executivo que são importantes para o Distrito Federal. No primeiro semestre, tivemos a Lei de Regularização Fundiária, aprovada pela Câmara Legislativa, que foi uma proposta desenvolvida para acelerar os projetos de regularização e levar infraestrutura a esses locais. Depois, tivemos a lei (de criação) do museu no antigo prédio do Touring, ao lado da Rodoviária, no Eixo Monumental. Será um espaço cultural em um prédio que estava abandonado havia muitos anos e que já foi usado como terminal de ônibus, posto de gasolina e, agora, será um museu voltado para ciência e tecnologia.

**Em relação aos parcelamentos urbanos e à regularização fundiária, desafios históricos do DF, como está a situação hoje?**

(Esses) são dois assuntos de extrema importância. Para a regularização fundiária, quando temos ocupações consolidadas, o próprio Plano Diretor (de Ordenamento Territorial, o PDOT) define que as

Marcelo Ferreira/CB/D.A.Press



áreas são passíveis de regularização. Mas é importante ressaltar que as regiões de regularização fundiária são exceções. A regra é criar bairros. E precisamos criar lotes que nasçam de forma planejada e com todos os estudos técnicos. A população do DF cresce, em números, acima da média nacional anualmente, e essas pessoas precisam (ter onde) morar. Para que enfrentemos o déficit habitacional existente, o DF precisa ofertar novas áreas de lotes que nasçam com infraestrutura, planejamento, bem

como todos os estudos ambientais e urbanísticos.

**E sobre o novo bairro do Jóquei?**

É uma área inserida no contexto da EPTG (Estrada Parque Taguatinga), de um lado, e da Estrutural, de outro, perto de Vicente Pires e do Lucio Costa. (A região) tem toda a infraestrutura de sistema viário passando pela porta, e é uma área que tinha sido definida como destinada a um empreendimento residencial no Plano Diretor de 2009. É um projeto sendo aprovado pela

Seduh e pelo Ibram (Instituto Brasília Ambiental). A responsável pelo processo de desenvolvimento desse novo bairro, que vai receber mais de 50 mil pessoas, será a Terracap (Agência de Desenvolvimento do Distrito Federal). E isso faz sentido dentro da lógica de planejamento urbano, que é o grande vazio em um contexto de muita infraestrutura que precisa ser ocupada mais perto das áreas centrais.

**Qual é o balanço quanto à questão dos alvarás de construção?**

Temos uma satisfação enorme de ter conseguido virar uma página muito difícil da história do DF nesta última década. (Havia) uma dificuldade muito grande para alvarás de construção serem obtidos. Muitas vezes, (eram) projetos com investimentos importantes para a cidade, não só para gerar emprego e renda, mas para a produção de moradia, de habitação para o mercado formal — o que emprega, que paga impostos e (por) que as pessoas têm acesso a unidades imobiliárias legais. (Era) um passado em que se levavam mais de três anos naqueles casos de empreendimentos de grande porte, que precisavam do Estudo de Impacto de Vizinhança. (Havia) projetos há mais de cinco anos esperando para serem aprovados. Ultrapassamos a marca de 2020, que tinha sido um recorde. Foram mais

de 2,4 mil alvarás de construção expedidos até o fim de novembro (último). O mercado imobiliário cresceu com a pandemia, apesar de toda a dificuldade em termos econômicos, mas é um segmento que se manteve em atividade, que passou a dar condições para a economia sofrer menos os impactos da pandemia. E nós conseguimos, com esse número recorde, fazer aprovações rápidas para que não só a economia continuasse girando, mas que, acima de tudo, essa produção de unidades habitacionais se mantivesse em nível altíssimo. Um empreendimento aguardando alvará de construção representa empregos no aguardo para serem gerados. Porque toda nova obra gera empregos.

**Como o senhor avalia as revitalizações de espaços públicos?**

Uma das grandes frentes de trabalho deste último ano foi dar continuidade a uma determinação do governador Ibaneis (Rocha) de renovar a cidade. Nós concluímos os projetos da W3 Sul e estamos iniciando os projetos de requalificação de toda a W3 Norte. Foram entregues, também, as obras do Setor de Rádio e TV Sul, do Setor Comercial Sul — com a Praça do Povo, que tem feito muito sucesso... E essa é a linha de trabalho: oferecer uma melhor condição para as pessoas que circulam nessas regiões.

## Obitório

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG, Quadra 2, Lote 340, Setor Gráfico. Ou pelo e-mail: [cidades.df@dabr.com.br](mailto:cidades.df@dabr.com.br)

### Sepultamentos realizados em 16 de dezembro de 2021

#### » CAMPO DA ESPERANÇA

Braulino Gabriel de Souza, 83 anos  
Cristiane Vale de Sousa, 51 anos  
João Batista Martins Gomes, 50 anos  
Jorge de Oliveira Leite, 47 anos  
Jose Nogueira Alves, 91 anos  
Maria de Jesus Santos Ribeiro, 84 anos

Maria Odete Apoliana Dino, 77 anos  
Maristela Laurindo Araújo, 95 anos  
Raimunda Batista de Souza, 69 anos  
Rocilda do Nascimento Secundo, 84 anos  
Susumu Okino, 69 anos  
Teresinha Neusa Nunes de Kaiser, 82 anos

Tereza de Souza Penetra, 83 anos  
Tereza Didi Falcão, 93 anos  
Valdemir da Conceição Amorim, 47 anos  
Waldna Camargo Marroni, 86 anos

#### » GAMA

Inácia Leonel dos Santos, 70 anos  
Maria de Lourdes de Souza Damasceno, 74 anos

Norberto Martins Coelho, 83 anos

#### » PLANALTINA

César Ferreira Barbosa, 45 anos  
Genildo Leite, 79 anos  
Maria Lucinete Caldeira Alarcão Lopes, 61 anos  
Nasciluzilda Pereira dos Santos, 62 anos  
Therezinha Gonçalves Caldeira, 90 anos

#### » SOBRADINHO

Alexandre da Silva Costa, 39 anos  
Conceição de Maria Dias da

Silva Santos, 49 anos  
João Vieira da Silva, 61 anos

#### » TAGUATINGA

Arlei Ferracioli, 77 anos  
Bernardina Ribeiro da Silva, 95 anos  
Elena Ferreira da Anunciação Santos, 73 anos  
Francisco Machado, 85 anos  
Francisco Mota Cavalcante, 75 anos  
Gentil Araújo da Silva Filho, 52 anos  
João Emanuel Vieira dos Santos, 15 anos  
Lucenilda Barbosa da Silva, 31 anos

#### » JARDIM METROPOLITANO

Antonio José Soares, 47 anos  
Claudete Gonçalves (cremação), 71 anos  
Francisca Ricardo de Sousa Campos (cremação), 67 anos  
Luciano Alves de Oliveira, 40 anos  
Marcio Antonio Patello Saldanha (cremação), 72 anos  
Maria Meires de Araújo (cremação), 62 anos  
Mariana do Rosario Nobre Ferreira (cremação), 49 anos



NOTA DE FALECIMENTO

## DR. VAINER MENEGHETTI

O IMEB vem comunicar, com tristeza, o falecimento do seu idealizador e fundador, Dr. Vainer Meneghetti, na cidade do Rio de Janeiro, no dia 16 de dezembro de 2021.

*A direção, colaboradores e amigos manifestam seu pesar à família e oramos para que Deus o acolha junto a Si.*

NOTA DE FALECIMENTO

## DR. VAINER MENEGHETTI

★ 11/05/1947

† 16/12/2021

É com muito pesar que **Célio Pereira Santos e família** comunicam o falecimento do amigo, companheiro, Mestre e Doutor. **VAINER MENEGHETTI**, na cidade do Rio de Janeiro.

*Neste momento de dor nos solidarizamos com todos os familiares e amigos, esperamos que Deus o receba de braços abertos.*  
*Saudade Eterna*